



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral
CAMPUS REITOR JOÃO DAVID FERREIRA LIMA - TRINDADE - CEP 88040-900 - FLORIANÓPOLIS / SC
TELEFONE +55 (48) 3721-8604 - FAX +55 (48) 3721-9325
www.marque.ufsc.br

Plano Museológico

Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo

Rodrigues Cabral

2016 – 2021

Florianópolis, março de 2016

Reitora da Universidade Federal de Santa Catarina

Roselane Neckel

**EQUIPE DO MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA PROFESSOR OSWALDO
RODRIGUES CABRAL**

Comissão Diretora

Sônia Weidner Maluf

Maria Dorothea Post Darella

Letícia Borges Nedel

Secretaria

Marcel Augustinho dos Santos

Euclides Vargas

Coordenação Divisão de Pesquisa

Maria Dorothea Post Darella

Setor de Etnologia

Maria Dorothea Post Darella

Setor de Arqueologia

Luciane Zanenga Scherer

Angelo Renato Biléssimo

Coordenação Divisão de Museologia

Vanilde Rohling Ghizoni

Setor de Expografia / Setor de Documentação

Lucas Figueiredo Lopes

Setor Pedagógico

Flora Bazzo Schmidt

Sandra Carrieri

Setor de Conservação e Restauração

Vanilde Rohling Ghizoni

Coordenação da Divisão de Ensino

Rafael Victorino Devos

Coordenação do Plano Museológico

Letícia Borges Nedel

Thainá Castro

SUMÁRIO

SUMÁRIO	4
APRESENTAÇÃO	5
HISTÓRICO DA INSTITUIÇÃO	8
HISTÓRICO E FORMAÇÃO DO ACERVO.....	11
MISSÃO INSTITUCIONAL.....	12
Objetivos.....	12
DIAGNÓSTICO GLOBAL.....	12
Pontos fortes.....	12
Pontos fracos.....	13
PROGRAMAS E PROJETOS	13
Programa Institucional.....	13
Regimento interno.....	14
Relações Interinstitucionais	14
Política de Aquisição e Descarte de Acervo.....	15
Projetos.....	16
Programa de Gestão de Pessoas	16
Organograma Atual	17
Quadro Atual de Profissionais.....	18
Projeto	18
Programa de Acervos	19
Subprograma de Documentação Museológica.....	19
Subprograma de Conservação Preventiva e Restauração	21
Programa de Exposições	22
Ações.....	23
Programa Educativo e Cultural	23
Objetivos gerais do Programa Educativo Cultural:.....	24
Subprograma de público interno	24
Subprograma de Público Espontâneo	25
Subprograma de relação Museu – Educação Formal.....	26
Subprograma de diversificação de grupos agendados	27
Subprograma de eventos	28
Programa de Pesquisa	28
Subprograma de pesquisa institucional.....	28
Programa Arquitetônico	32
Espaço físico e instalações.....	32
Programa de Segurança.....	38
Projetos.....	Erro! Indicador não definido.
Programa de Financiamento e Fomento.....	38
Projetos.....	39
Programa de Difusão e Divulgação	40
Projetos.....	40
Programa de Acessibilidade a Todas as Pessoas	40
Projetos.....	42
Referências.....	43

APRESENTAÇÃO

Na história das instituições científico-culturais brasileiras, o Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral (MARquE) destaca-se como um marco precursor da pesquisa de pós-graduação em Antropologia. Ao longo dos seus mais de 50 anos de existência conquistou o reconhecimento de autoridades da área, firmando-se, nesta rede, como referência entre os museus etnográficos do sul do país. Seu acervo registra os investimentos dos primeiros pesquisadores formados nas universidades brasileiras sobre a pesquisa de campo em aldeias indígenas e a escavação de sítios arqueológicos históricos e pré-colombianos para fins investigativos. Esse lugar ocupado na memória das instituições pioneiras da pesquisa etnológica no país consigna para o MARquE uma vocação epistemológica, mas também ética, focada no trabalho de tradução cultural e na valorização de memórias e identidades plurais. Justifica, igualmente, a orientação tomada por sua política institucional ao longo da última década, quando se tem priorizado consolidar as relações sustentadas pela instituição não apenas com os praticantes da pesquisa etnográfica e arqueológica e a comunidade museológica e universitária, mas com os povos originários cuja cultura o museu busca preservar, estudar e promover.

Atualmente o MARquE é um órgão suplementar da Universidade Federal de Santa Catarina diretamente vinculado ao/à Reitor/a, não obstante manter vínculos históricos com o Centro de Filosofia e Ciências Humanas, em especial com os departamentos de História e Antropologia, aos quais se encontra academicamente articulado. Como museu universitário, além do compromisso com a valorização e preservação do acervo sob sua guarda, assume o papel de pesquisar, produzir documentação, comunicar seu acervo e potencializar a circulação social do conhecimento para fins de ensino, pesquisa e extensão em Antropologia Cultural (com destaque para a etnologia indígena e outras culturas tradicionais), Arqueologia e Museologia. No exercício dessas atribuições, o MARquE mantém intercâmbio científico e cultural com órgãos congêneres do estado, do país e do exterior, além de estabelecer parcerias com diferentes esferas da administração pública e setores sociais, em especial com atores representantes dos grupos cuja cultura material encontra-se retratada no acervo da instituição. Ganham destaque aqui os povos indígenas Xokleng-Laklãnõ, Kaingang e Guarani da região sul, com quem o museu tem realizado projetos de natureza cooperativa, selando uma relação de confiança que se aprofunda na convivência com alunos e egressos do curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, mantido pela universidade desde 2011.

No ano em que o museu completa 51 anos de sua criação, a finalização do plano museológico do MARquE coroa um processo mais amplo de redefinição dos seus marcos regulatórios legais, filosóficos e organizacionais. Esse movimento, impulsionado ao final dos anos 2000, teve por objetivo a consolidação do MARquE enquanto espaço de preservação da memória e promoção da

cultura dos diferentes grupos que compõem a sociedade catarinense. Compreendeu investimentos na qualificação e contratação de quadros técnicos (com a realização de novos concursos públicos a partir de 2009 e apoio à formação continuada), na ampliação do espaço físico e qualificação dos espaços de exposição, guarda e conservação (com a inauguração do Pavilhão Silvio Coelho dos Santos, em 2012), e na troca de experiências e saberes entre técnicos e estagiários com alunos do Curso de Museologia, dos cursos de graduação e pós-graduação em História e em Antropologia Social, do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, de membros de comunidades indígenas localizadas ao sul da Mata Atlântica e ainda outras, como é o caso dos Tikuna Wotchimaïcü, do Amazonas, que participaram de exposições etnográficas realizadas em 2011 e 2013.

Tais iniciativas sinalizam a abertura do museu para as práticas contemporâneas, interculturais e interdisciplinares, de apropriação das coleções etnográficas e dos espaços museais. Sem estar limitada ao trabalho expográfico ou a projetos de duração limitada, como a participação em editais, a abertura à convivência plural das formas de interpretação da história e da memória dos grupos constitutivos da sociedade nacional e catarinense se estende às atividades ordinárias e extraordinárias sustentadas pelo MARquE. São mesas-redondas, cursos, mostras de cinema, rodas de conversa, oficinas, visitas monitoradas a exposições e reservas técnicas contempladas em uma programação montada para atender um público abrangente, constituído das famílias e crianças de Florianópolis, dos alunos e professores da educação básica, do público acadêmico e das comunidades indígenas e demais grupos chamados “tradicionais” junto aos quais o museu tem atuado ao longo de sua trajetória institucional. Tomadas em conjunto, as atividades consubstanciam a aposta dos técnicos e gestores numa museologia auto-reflexiva e democratizante, capaz de subsidiar a efetiva participação do museu na vida universitária, na vida cultural da cidade e nas vidas de seus frequentadores, de onde o museu elege os seus principais parceiros.

Entre as ações de natureza jurídica que acompanharam a elaboração do plano, constam a implementação do novo Regimento, elaborado pela equipe e representantes docentes durante o ano de 2014, e aprovado por unanimidade em reunião geral da equipe e dos representantes docentes, bem como pelo Conselho de Unidade do Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Apresentado em dezembro de 2014 para a Reitora da UFSC, o novo Regimento foi aprovado pela Portaria Normativa n. 63/2015/GR, de 23 de novembro de 2015, publicada no Boletim Oficial da UFSC n. 133/2015, em 24 de novembro de 2015. Destacam-se itens como:

- a instalação do Conselho Deliberativo do MARquE, conforme os Artigos 6º, 7º e 8º do Regimento do MARquE; a definição dos nomes para comporem a nova Direção (Diretor/a e Vice/Diretor/a), conforme o Artigo 10º do Regimento, com mandato de dois anos e a nomeação do/a novo/a

Diretor/a como membro do Conselho de Unidade do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC, com seu/sua Vice como suplente.

- a elaboração dos Planos Anuais e Quinquenais de Metas e Ações (PDI do MARquE), nos quais se definem metas e prazos globais para a instituição dentro da partilha institucional da universidade como um todo.

A definição desse novo marco institucional ofereceu as bases regulatórias necessárias à reestruturação acadêmica e museológica do MARquE ocorrida a partir de junho de 2013, consolidando: 1) sua vocação como instituição museológica universitária, vinculada às dimensões de ensino, pesquisa e extensão; 2) sua articulação acadêmica com o Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC, notadamente com as áreas afins à sua missão (Antropologia, História, Arqueologia e Museologia, e outras que vierem a se somar); 3) o colegiado de representantes e chefias como instância de definição das políticas e projetos institucionais do MARquE; e 4) a profissionalização das relações de trabalho e das rotinas de gestão institucional.

No contexto dessas transformações, o plano museológico constitui-se, mais que numa obrigação legal, numa ferramenta de planejamento estratégico indispensável para a identificação de prioridades, necessidades e meios de organização do trabalho que estimulem uma relação sinérgica entre os setores integrantes da estrutura interna do MARquE, os departamentos de ensino, os programas de extensão universitária da UFSC e o público frequentador.

As dezenas de reuniões de trabalho realizadas com a equipe técnica do museu, os coordenadores de setores e os representantes docentes dos cursos de História, Antropologia e Museologia para elaboração do novo regimento e do plano museológico ao longo dos anos 2013 a 2015 foram acompanhadas de uma série de debates realizados no âmbito do projeto “Museu em Curso”, realizado em parceria com a Associação de Amigos do Museu Universitário, entre 2011 e 2014, e “Ciclos de Debate sobre Museus Universitários: Arqueologia e Museologia”, em 2014, entre outras atividades. Os eventos reuniram profissionais de diferentes áreas, como Museologia, Design, Arquitetura, Conservação e Restauração, Arqueologia, Etnologia, entre outras, que compartilharam experiências recentemente desenvolvidas em algumas das principais instituições museais do país. Partindo dos temas necessários à agenda auto-reflexiva do plano museológico foi possível definir, nesse diálogo, os conteúdos conceituais intrínsecos ao trabalho de elaboração deste documento, pautado pela interdisciplinaridade e a valorização das expertises próprias aos campos de atividade envolvidos na gestão e funcionamento dos museus universitários de caráter etnográfico.

Como parte dos procedimentos adotados na elaboração do documento, e em acordo com o disposto na Lei 11.904/2009 (Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências), em seu artigo 46 §2, buscou-se em um primeiro momento a construção participativa do diagnóstico, instrumento

fundamental do processo de elaboração do Plano Museológico. Nesse sentido, a comissão de elaboração do Plano implementada em 2010 pela Portaria 001/Secult, optou por estruturá-lo em duas etapas. Na primeira etapa os servidores e parceiros externos do museu foram convidados a opinar. Na segunda etapa, dados levantados por meio da aplicação de questionários foram tratados pela comissão, então presidida pela museóloga Viviane Wermelinger Guimarães, e apresentados ao conjunto dos servidores, que debateram os resultados. Ao longo do ano de 2014, paralelamente à construção do novo regimento pelo conselho consultivo do Museu, foi renovada e ampliada a composição da comissão pela Portaria 001/MARquE, de julho de 2014. Esta nova comissão contou com a participação ativa do corpo funcional do museu na constituição do documento final, para o qual foi mobilizada a documentação.

O trabalho desenvolvido no decorrer de 2014-2015 desenrolou-se em três fases. A primeira delas compreendeu a definição operacional e a missão do museu, partindo do trabalho de diagnóstico coordenado pela comissão anterior, do emprego da metodologia “Análise de SWOT”, coordenada pela segunda comissão, nomeada em julho de 2014, e do recurso à documentação institucional, composta de regimentos anteriores, relatórios, publicações e portarias. A segunda fase envolveu a elaboração dos programas (de acervo, recursos humanos, espaço físico etc.) com base nos quais identificaram-se as necessidades futuras do museu que, supridas, conformariam uma situação próxima da ideal para a atuação da instituição. Na terceira etapa foram elencados os projetos e soluções para os desafios com os quais a instituição se defronta na atualidade.

Coerente com o processo de trabalho que serviu de base ao Plano Museológico ora apresentado, este documento contempla os resultados das três fases de sua elaboração. Constam no documento o perfil museológico da instituição, seu histórico, características do acervo, das instalações e do entorno, seus objetivos e sua missão, os programas setoriais e projetos previstos para o cumprimento integral da gestão política, técnica e administrativa do museu.

HISTÓRICO DA INSTITUIÇÃO

A história do MARquE está entrelaçada com o processo de institucionalização da Antropologia no Estado de Santa Catarina. Foi a partir da década de cinquenta, com a criação da Faculdade de Filosofia, em 1955, que essa área de conhecimento começou a frequentar os currículos de formação superior no estado. A proposta de criação de um Instituto de Antropologia, encaminhada em 1964 pelo médico, historiador, folclorista e catedrático de Antropologia Cultural da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFSC, Oswaldo Rodrigues Cabral (1903-1978), juntamente com seus assistentes egressos do curso de História, Silvio Coelho dos Santos (1938-2008) e Walter

Piazza (1925-2016), representou, naquela ocasião, um passo fundamental para a consolidação da área, assim como para a inclusão de Santa Catarina no repertório de estudos etnográficos produzidos no Brasil.

A criação do MARquE remonta à do Instituto de Antropologia, criado através da Resolução nº 089, de 30 de dezembro de 1965. Até 1968 o instituto funcionou junto ao Curso de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFSC, sendo em 29 de maio desse mesmo ano inaugurada a sede própria. Instalado em uma área de 480 m², dispunha de salas de aula para os cursos regulares e de extensão oferecidos por Silvio Coelho dos Santos, Walter Piazza (catedrático de História da América) e pesquisadores das principais instituições de pesquisa do Brasil e do exterior que por ali passaram como ministrantes convidados.

Concebido como um espaço de formação avançada na pesquisa arqueológica e de campo sobre as culturas indígenas, o Instituto compunha-se de três divisões: a Divisão de Arqueologia, a de Antropologia Física e a de Antropologia Cultural. Abrigava laboratórios de Arqueologia e Antropologia Física, que reuniam acervo arqueológico, indígena, das culturas tradicionais do estado, sendo então utilizado como recurso didático nas disciplinas de Antropologia Cultural, Antropologia Física, Etnografia Geral e Etnografia do Brasil, lecionadas nas dependências do museu para os alunos dos cursos de História e Geografia. O Instituto mantinha ainda uma biblioteca especializada em temas contemplados na pesquisa sobre folclore, antropologia e arqueologia.

Com a reforma universitária implementada pelo regime militar a partir de 1968, os Institutos de pesquisa, assim como as cátedras, as faculdades, as congregações e os cursos seriados, foram extintos. Surgiram em seu lugar os departamentos, os chamados Centros de Estudos Básicos, que agrupavam disciplinas ofertadas a diferentes cursos de graduação, e as pró-reitorias. Nesse contexto, o Instituto de Antropologia, para não ser extinto, submeteu-se a ter sua denominação alterada para “Museu de Antropologia”, em 1970. Segundo Silvio Coelho dos Santos, diretor do Museu entre 1970 e 1975, fracassados os pleitos para que o departamento se denominasse “de Antropologia” ou “de Ciências Sociais”, “A nova denominação foi a maneira encontrada para resguardar as atividades de pesquisa e manter uma certa independência em relação ao recém-criado Departamento de Sociologia, onde Oswaldo Cabral e sua equipe acabaram sendo lotados”. (SANTOS, 2006, p. 39).

O que a princípio parecera aos fundadores um meio de não interromper os investimentos autônomos da instituição em projetos de pesquisa e de formação especializada nas áreas de Arqueologia e Antropologia, era uma mudança estatutária que trazia, entre outras implicações, a assunção pelo antigo Instituto das atividades próprias de um museu, como são a preservação e a comunicação de acervos. Para isso o espaço físico do Museu de Antropologia foi ampliado, com a construção de três

anexos destinados a exposições do acervo que fora coletado ao longo de anos de pesquisa para ser utilizado como recurso didático nas aulas de Antropologia Cultural, Antropologia Física, Pré-história do Brasil, e então classificado como arqueológico, etnológico e de cultura tradicional.

Em 1974 o Museu e a UFSC firmaram convênio com a Prefeitura de Florianópolis, que resultou na vinda do Professor Franklin Joaquim Cascaes (1908-1983) e sua obra para o Museu. Na instituição o artista, que também era estudioso do folclore e da cultura regional catarinense, continuou sua produção, contribuindo para as pesquisas da área de cultura popular e doando em 1981 o conjunto de obras formado por desenhos e esculturas para a Instituição. (GUIMARÃES, 2014, p. 37).

Denominado Coleção Elizabeth Pavan Cascaes, constituído por esculturas em gesso ou argila policromadas e outros elementos elaborados nos mais variados materiais que compõem as cenografias, o conjunto totaliza 1.707 peças. As obras de arte sobre papel, realizadas com a técnica a nanquim ou a grafite somam 1.179 desenhos tombados em 942 suportes; além de manuscritos, dos quais 124 são cadernos pequenos, 22 cadernos grandes e 476 em folhas avulsas. A obra de Franklin Cascaes ensejou a montagem de diversas exposições que tinham como temas principais a cultura popular na Ilha de Santa Catarina, ampliando a visita ao Museu.

Finalmente, a transição de Instituto a Museu se completa em 1978, quando através da Resolução nº 065/78, o Museu de Antropologia é transformado em Museu Universitário. A partir daquele momento, o MU passa a ser concebido, não sem equívoco, como uma instituição voltada exclusivamente para a guarda e exposição de acervo, sendo desincumbido das atividades de pesquisa e de ensino. Essa situação perdurou até meados da década de 1980, quando o projeto “O povoamento pré-histórico da Ilha de Santa Catarina”, coordenado pela arqueóloga Teresa Domitila Fossari e financiado pela FINEP (Financiadora de Estudos e Projetos), volta a impulsionar a pesquisa institucional.

Em maio de 1993 o Museu Universitário passou a ser denominado Museu Universitário Professor Oswaldo Rodrigues Cabral, em homenagem ao seu idealizador, fundador e primeiro Diretor. Nos 28 anos decorridos desde a sua criação, o MU prestou relevantes serviços às comunidades universitária, local e catarinense de uma maneira geral. Dentre as atividades que desempenhou destacam-se as inúmeras pesquisas nos campos da Arqueologia, Etnologia e Cultura Popular, diversos cursos extracurriculares sob a responsabilidade de professores convidados de outras universidades do país e do exterior, e o engajamento de seus diretores na luta pela preservação do patrimônio cultural de Santa Catarina, bem como pelos direitos das populações indígenas.

A fase atual em que se encontra a instituição foi aberta com a finalização da construção do seu novo prédio “Pavilhão de Exposição Antropólogo Silvio Coelho dos Santos”, que passou a abrigar atividades de comunicação museológica (exposições de longa, média e curta duração) e um setor

educativo-cultural voltado ao atendimento do público frequentador em geral, além do público escolar.

O ingresso nessa nova fase suscitou na equipe do Museu a necessidade de consolidar a marca e a identidade da Instituição, bem como o caráter antropológico de suas coleções e de suas pesquisas, considerados obscurecidos pela denominação de Museu Universitário. Assim, em 2011, o corpo técnico e os gestores do Museu, juntamente com a Sigmo/UFSC27 (Significação da Marca, Informação e Comunicação Organizacional), do Centro de Comunicação e Expressão, iniciaram um trabalho de desenvolvimento da nova identidade do Museu. Foi escolhido o nome “Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral (MARquE)” que atualmente designa o perfil museológico e as atividades da Instituição. Em 2012 o novo nome foi aprovado pelo Conselho Universitário da UFSC e o Pavilhão de Exposição Antropólogo Silvio Coelho dos Santos foi aberto ao público em abril do mesmo ano. Na ocasião, inaugurou-se a exposição temporária *Ticuna em Dois Tempos*, aberta no período de maio a novembro de 2012, na qual as coleções reunidas em trabalho de campo de Silvio Coelho dos Santos no Amazonas na década de 1960 foram pela primeira vez expostas ao público, em uma exposição que envolveu a participação do Instituto Brasil Plural e do Museu Amazônico (UFAM), que disponibilizou o acervo ticuna do artista plástico Jair Jacqmont.

HISTÓRICO E FORMAÇÃO DO ACERVO

A formação do acervo do MARquE está intimamente ligada à trajetória da instituição, precursora que foi do ensino e da pesquisa nos campos da Antropologia e da Arqueologia no estado. Este acervo, proveniente na sua maior parte de pesquisas científicas realizadas pelos integrantes e colaboradores do museu ao longo dos cinquenta anos de trajetória institucional, é bem documentado e heurísticamente relevante, composto pelas coleções: “Etnologia Indígena”, “Arqueologia” e “Cultura Popular”.

A Coleção Etnologia Indígena abrange artefatos de diferentes naturezas produzidos por povos Guarani, Kaingang e Xokleng-Laklãnõ de Santa Catarina, Tikuna da Amazônia, Bororo, Karajá e de outros povos do Brasil Central, somando aproximadamente 900 peças.

A Coleção Arqueológica abrange artefatos, ecofatos e sepultamentos provenientes de ocupações pré-coloniais do território catarinense, totalizando aproximadamente 50.000 peças.

A Coleção de Cultura Popular é integrada por obras de autoria de Franklin Cascaes, desenhos sobre papel e de conjuntos escultóricos, somando 3.400 peças, além de registros etnográficos. Destaca-se também a coleção de rendas de bilro, composta por 270 peças.

Por seu valor para a história das ciências no Brasil, cumpre ressaltar a coleção documental e bibliográfica derivada das pesquisas executadas pela equipe do MARquE. Tanto os documentos quanto a biblioteca encontram-se armazenadas no Centro de Documentação (CEDOC), ora localizado no Pavilhão Silvio Coelho dos Santos. Do acervo documental – referente às pesquisas arqueológicas e etnográficas - produzido durante mais de quatro décadas, destaca-se ainda a Coleção Iconográfica de autoria do antropólogo Silvio Coelho dos Santos, acumulada durante a realização de suas pesquisas entre povos indígenas de Santa Catarina e da Amazônia, principalmente, na década de 1960.

MISSÃO INSTITUCIONAL

Atuar em favor da preservação, pesquisa, comunicação e valorização do patrimônio arqueológico e etnológico brasileiro, com foco no litoral catarinense, promovendo o amplo acesso e difusão do conhecimento gerado na Universidade Federal de Santa Catarina nas áreas de Arqueologia, Etnologia e Museologia.

Objetivos

- Preservar, valorizar e comunicar o acervo sob sua guarda;
- Realizar pesquisas, produzir documentação e promover a circulação do conhecimento para fins de ensino, pesquisa e extensão;
- Apoiar as atividades de ensino de graduação e pós-graduação;
- Promover e apoiar a pesquisa nas suas áreas de competência;
- Manter intercâmbio científico e cultural com instituições congêneres;
- Promover a formação e especialização de recursos humanos nas áreas de Antropologia, Arqueologia e Museologia.

DIAGNÓSTICO GLOBAL

Pontos fortes

- Ser uma instituição consolidada, com forte vínculo com a pesquisa etnológica e arqueológica em Santa Catarina;
- Abrangência e importância das coleções da instituição;

- Corpo técnico de carreira com formação específica nas áreas de atuação do Museu;
- Localização geográfica privilegiada (proximidade dos centros de ensino e localização na região central da Ilha);
- Espaços de exposição com acessibilidade e condições ideais de conservação;
- Espaços de guarda com acessibilidade e condições ideais de acondicionamento;
- Dinamismo na agenda de exposições, atividades de pesquisa e atividades educativas da instituição;
- Parcerias institucionais com cursos de graduação e pós-graduação da UFSC.

Pontos fracos

- Ausência de padronização de procedimentos operacionais por meio de normativas técnicas;
- Corpo técnico em quantidade insuficiente para atender as demandas da instituição;
- Má distribuição dos espaços físicos;
- Lotação da capacidade de guarda das Reservas Técnicas;
- Ausência de um projeto urbanístico que facilite e indique o acesso à entrada do Museu, bem como a exclusividade de vagas para visitantes;
- Inexistência de sala de consulta para atendimento a pesquisadores;
- Engessamento da gestão orçamentária do Museu;
- Inexistência de plano de gestão de riscos;
- Inatividade da Associação de Amigos do Museu.

PROGRAMAS E PROJETOS

Programa Institucional

O MARquE, a partir da definição de sua missão institucional, prevê a manutenção e alargamento da atuação do museu na Museologia Catarinense. O objetivo principal no que diz respeito à dimensão institucional do MARquE é a consolidação de seu marco institucional enquanto órgão de preservação, ensino, pesquisa e extensão em Arqueologia, Antropologia e Museologia. Para tanto, entende a criação/revisão das seguintes ferramentas como potencializadoras de sua gestão política,

técnica e administrativa:

Regimento interno

Instrumento fundamental para a organização institucional e melhor desempenho das funções do museu. Compreende a vinculação direta do MARquE à Reitoria, além da vinculação acadêmica ao Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH) da Universidade Federal de Santa Catarina. Compreende a constituição de um Conselho Deliberativo com formação interdisciplinar, abarcando docentes das áreas de atuação do Museu no CFH e chefias dos setores técnicos do museu.

O atual Regimento do MARquE, como mencionado, foi elaborado em discussão conjunta com a equipe e os representantes docentes durante o ano de 2014, aprovado por unanimidade em reunião geral da equipe e dos representantes docentes, pelo Conselho de Unidade do Centro de Filosofia e Ciências Humanas e apresentado para aprovação para a Reitora da UFSC. Foi aprovado pela Reitora, com Portaria Normativa nº 63/2015/GR, de 23 de novembro de 2015, publicada no Boletim Oficial da UFSC nº 133/2015, em 24 de novembro de 2015.

Relações Interinstitucionais

Cadastro no IBRAM e SEM

O MARquE atualmente é cadastrado no Instituto Brasileiro de Museus e no Sistema Estadual de Museus de Santa Catarina, além de ser suplente no Conselho Estadual de Museus da região da grande Florianópolis.

Associação de Amigos

A Associação Amigos do Museu Universitário Prof. Oswaldo Rodrigues Cabral/AMU é entidade civil, sem fins lucrativos, criada em 2005, destinada a promover e apoiar atividades e projetos que visem à consecução dos objetivos e finalidades da instituição. No momento a AMU necessita efetivar adequações jurídicas e nova eleição de diretoria.

Rede de Educadores em Museus de Santa Catarina

O MARquE tem sido atuante na Rede de Educadores em Museus de Santa Catarina (REM/SC) – como integrante da Rede e desde 2013 é membro do Conselho Gestor. Desta forma, esteve

envolvido com importantes discussões para a área, tanto no campo político – como a construção do Plano Nacional de Educação Museal (PNEM), a pesquisa acerca da relação museu-escola empreendida pelo Sistema Estadual de Museus de Santa Catarina (SEM/SC) – quanto no campo da práxis, organizando e participando de discussões, cursos e trocas de experiências. As ações educativas empreendidas pelo MARquE têm sido apresentadas em espaços da Rede, como estratégia de divulgação e de troca entre pares.

Instituições correlatas

O MARquE tem realizado o mapeamento sistemático das instituições correlatas às suas áreas de atuação e conhecimento, em especial na Grande Florianópolis e na abrangência do Estado de Santa Catarina, tendo em vista, sobretudo, o levantamento de acervo arqueológico e etnológico, e a concretização de instrumentos de parceria (convênios, projetos, intercâmbios e outros) com Instituições de Ensino Superior, Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esporte, Secretaria de Estado da Educação, Secretarias de Cultura Municipais, institutos de pesquisa, órgãos museais, órgãos de fomento (CNPq, Fapesc etc.), objetivando a efetivação de pesquisas e consequentemente atuações específicas e conjuntas em diversas dimensões.

Política de Aquisição e Descarte de Acervo

O MARquE não construiu ainda sua política institucional de aquisição e descarte de acervo, fato que culminou com a Portaria nº 07/SeCult/2013, de 08 de maio de 2013, a qual estabelecia que por um prazo de dois anos, posteriormente prorrogado por mais dois anos, o museu não receberia acervo, salvo quando constatada pelo corpo técnico a relevância da doação para o acervo já existente.

A aquisição de acervos no MARquE ocorre desde sua criação por meio de doações, compras e comodatos, e durante todos estes anos cumpriu de maneira satisfatória as demandas de formação das coleções da instituição. No entanto, a falta de uma definição de critérios para a aquisição e descarte de acervo se mostrou um problema institucional com o tempo, ou pela falta de coerência das aquisições com a missão do museu gerando lotação das Reservas Técnicas, ou por questões de conservação. Face a essa realidade faz-se necessário realizar um levantamento de todo o acervo do MARquE e, concomitantemente a esta atividade, estabelecer uma comissão para estudo das coleções da instituição, composta por técnicos do MARquE e especialistas nas tipologias de acervo abarcadas pelo MARquE para definir as diretrizes da Política de Aquisição e Descarte de Acervos, conforme consta no Regimento Interno do museu.

Projetos

- Instalação do Conselho Deliberativo do MARquE, conforme os Artigos 6º, 7º e 8º do Regimento do MARquE; (frase justificada)
- Efetivação dos setores previstos no Regimento;
- Implementação do previsto no Artigo 10º do Regimento do MARquE, relativo aos cargos de Direção, com mandato de dois anos;
- Nomeação do/a novo/a Diretor/a como membro do Conselho de Unidade do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC, com seu/sua Vice como suplente; (frase justificada)
- Elaboração dos Planos Anuais e Quinquenais de Metas e Ações (PDI do MARquE);
- Implantação da Comissão para Aquisição e Descarte de Acervo;
- Reativação da Associação de Amigos do MARquE.

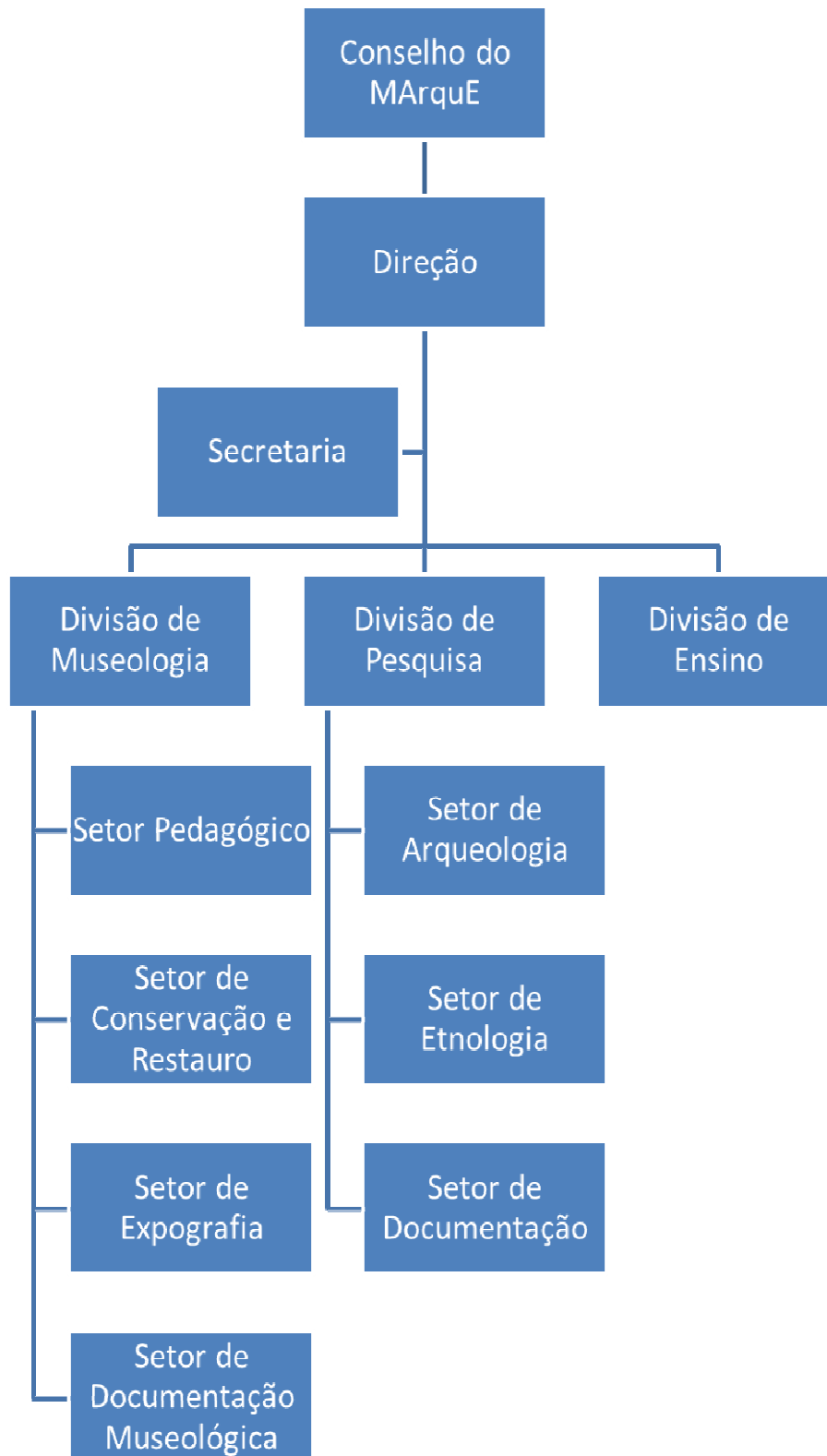
Programa de Gestão de Pessoas

O quadro de servidores Técnico-Administrativos do MARquE envolve um corpo técnico especializado nas áreas de atuação do museu: Museólogo, Restaurador, Arqueólogo, Antropólogo, Pedagogo, Historiador (atualmente lotados). Existe ainda a demanda de contratação de mais especialistas, como Arquivista e Antropólogo (que já constam no quadro de demandas do MARquE junto à Secretaria de Gestão de Pessoas da UFSC).

À parte o corpo de profissionais lotados, atuam no museu docentes e discentes da UFSC com formação em áreas de atuação da instituição. O museu conta ainda com pessoal técnico-administrativo de apoio, responsável pelas áreas administrativa e operacional do museu (envolvendo também manutenção predial, gestão de patrimônio etc.), além dos terceirizados (vigias, porteiros e limpeza).

O objetivo para o próximo período é consolidar o corpo técnico especializado e de apoio atendendo às necessidades e demandas de um museu desse porte.

Organograma Atual



Quadro Atual de Profissionais

	Efetivo	Estagiário	Terceirizado
Corpo Técnico			
Museólogo	01		
Restaurador/Conservador	01	01	
Pedagogo	02	03	
Antropólogo	01		
Historiador	01		
Arqueólogo	01	01	
Técnico Administrativo	02		
Manutenção			
Limpeza			03
Segurança			04
Portaria			02
TOTAL	08	04	07

Projeto

NECESSIDADE DE CONTRATAÇÃO

	Efetivo	Estagiário	Terceirizado
Corpo Técnico			
Museólogo	01	01	
Restaurador/Conservador	01	01	
Pedagogo		06	
Antropólogo	01	01	

Arquivista	01	01	
Arqueólogo	01	02	
Arte Educador	01	01	
Designer	01	01	
Técnico Administrativo	02	01	
Manutenção			
Limpeza			02
Segurança			04
Portaria			02
TOTAL	10	15	06

- Definição de Planos de Trabalho anuais dos servidores, como desdobramento do Planejamento Institucional do museu;
- Elaboração de relatórios anuais setoriais periódicos;
- Implementação de uma política de formação dos servidores;
- Estabelecer o Plano de Capacitação dos servidores do MARquE.

Programa de Acervos

O MARquE possui acervos de natureza museológica, arquivística e bibliográfica.

O acervo museológico é composto por coleções de Arqueologia, Etnologia Indígena e Cultura Popular.

A consulta ao acervo museológico é disponibilizada a pesquisadores através de cadastro prévio, disponível no site do MARquE, com as solicitações encaminhadas à Divisão de Museologia e posteriormente aos setores, conforme a temática a ser pesquisada.

Abaixo destacamos a política relacionada aos subprogramas de documentação museológica, conservação preventiva, restauração e aquisição de acervo, bem como os projetos que serão desenvolvidos durante os próximos anos.

Subprograma de Documentação Museológica

O Acervo Arqueológico é formado por artefatos, ecofatos, remanescentes ósseos humanos e fontes

documentais (croquis, fotografias, diários e fichas de campo), reunidos a partir de pesquisas sistemáticas, coletas de superfície e doações, realizadas em sítios pré-coloniais e históricos do estado de Santa Catarina e do norte do Brasil. Este inclui a Coleção de Cerâmica Marajoara, composta de objetos das populações pré-coloniais da região amazônica, que pertenceram ao Museu Tom Wildi.

O acervo arqueológico não apresenta documentação museológica pertinente, não existindo normatização em relação à sua numeração, uma vez que esta respeitou a lógica dos pesquisadores de cada época. Atualmente há a necessidade de reunir as informações de cada sítio arqueológico para que se possa construir a documentação museológica necessária para gestão e salvaguarda do acervo, bem como disponibilizar as informações em banco de dados, seguindo o modelo de catalogação já disponibilizado para os outros acervos do MARquE, o que facilitará também o acesso à pesquisa.

O acervo de Etnologia abrange principalmente objetos produzidos e utilizados em atividades cotidianas ou cerimoniais por diferentes sociedades indígenas do atual território brasileiro, como: Guarani, Kaingang, Xokleng-Laklãnõ, Karajá, Ticuna, Terena, Kayabi, Kadiwéu, Miranha, Waiwai, Tukano, Tapirapé, Galibi, Kamayurá, Bororo, Parakanã, Pareci, Waurá e Krahô, dentre outras. Este acervo inclui peças em madeira, cestaria, fibra vegetal, osso, cerâmica, lítico, metal. O MARquE também é guardião, em comodato até 2021, da coleção Rodrigo Del Omo Sato, em que estão representadas as populações indígenas do Brasil Central. Em 2011 foram doados objetos Guarani, Xokleng, Kaingang, após um trabalho desenvolvido pelo Museu em parceria com a Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica (Guarani, Kaingang e Xokleng-Laklãnõ), que culminou com a exposição denominada *Guarani, Kaingang e Xokleng – Atualidades e Memórias ao Sul da Mata Atlântica*.

A coleção de Etnologia Indígena apresenta documentação museológica, sendo que os dados do acervo estão disponíveis para pesquisa em ficha catalográfica no *Sistema Notes*.

O acervo de Cultura Popular abrange objetos relacionados às comunidades tradicionais do litoral catarinense. Além do maquinário remanescente de engenhos de fabricação de farinha de mandioca e de açúcar de cana, o acervo é integrado por embarcações, cestarias, recipientes cerâmicos, rendas de bilro, dentre outros objetos. O destaque deste acervo é a coleção Elizabeth Pavan Cascaes, reunindo a produção do artista Franklin Joaquim Cascaes composta por desenhos, esculturas em gesso ou argila e documentos manuscritos.

A coleção Elizabeth Pavan Cascaes igualmente apresenta documentação museológica, disponível no mesmo banco de dados do acervo citado anteriormente.

O acervo arquivístico é constituído por documentos e plantas institucionais, e por fotografias de atividades e/ou eventos culturais realizados pelo MARQUE. O acervo conta apenas com um arrolamento genérico.

O acervo bibliográfico é formado pelos anais da instituição, por livros, periódicos e revistas de arqueologia, antropologia, história e museologia, mapas, fitas K7 e VHS, DVDs e CDs. Parte deste acervo possui uma listagem por título, autor e temática.

Subprograma de Conservação Preventiva e Restauração

O acervo museológico encontra-se armazenado em três reservas técnicas distintas, assim denominadas: Reserva Técnica I, Reserva Técnica II e Reserva Técnica III. Além disso, uma parcela do acervo arqueológico está atualmente armazenada no Laboratório de Arqueologia em processamento. As Reservas Técnicas estão equipadas com mobiliários especiais, armários deslizantes, mapotecas e estantes. Apresentam sistema de alarmes contra roubo, barreiras físicas de segurança com grades nas janelas e pantográficas nas portas, detectores de fumaça contra incêndio, captação de imagens com câmeras de segurança na área externa.

A Reserva Técnica I está climatizada por meio de ar condicionado que realiza o controle da temperatura e umidade relativa do ambiente, o monitoramento realizado no computador, onde está instalado um Sistema de Gerenciamento Térmico (Climus). Igual sistema encontra-se instalado na Reserva Técnica II, mas encontra-se desligado por problemas apresentados no equipamento do ar condicionado. A Reserva Técnica III necessita de adequações físicas na edificação e sistema para controle de temperatura e umidade semelhantes aos já utilizados. As salas de exposições no Pavilhão de Exposição apresentam climatização seguindo os padrões estabelecidos para as reservas técnicas da instituição.

O acervo em papel, obras de arte e manuscritos (cadernos e documentos avulsos) está acondicionado em passe-partout e folders, confeccionados em papéis especiais. O material tridimensional encontra-se armazenado nos mobiliários específicos, em caixas de plástico ou poliondas (acervo arqueológico).

O setor é responsável por procedimentos que visam à preservação do acervo, consolidada pelas práticas rotineiras, tais como higienização, pequenas intervenções, acondicionamento, entre outras.

Em relação às atividades de restauração é importante a implementação de laboratório no espaço definido para este fim, com equipamentos necessários e materiais adequados.

O setor de conservação e restauração desenvolve atividades de estágio curricular, atendendo as

demandas da graduação em Museologia, além de estágio para capacitação de bolsistas na área de conservação de acervos museológicos.

O Centro de Documentação, onde se encontram armazenadas as coleções Arquivística e Bibliográfica, possui alarme com sensor de presença, extintores de incêndio e mobiliário adequado para guarda de acervo. Entretanto, carece de uma reforma estrutural urgente devido às constantes infiltrações de água quando ocorrem fortes chuvas. A transferência do Centro de Documentação para o Pavilhão de Exposição, em curso, possibilita um prédio integralmente destinado ao armazenamento do acervo exclusivamente museológico, tão logo realizadas as reformas estruturais.

Projetos

- Documentação museológica do acervo em suas várias áreas;
- Implantação da política de aquisição e descarte de acervo;
- Política de conservação dos acervos.

Programa de Exposições

O MARquE ao longo de sua trajetória compreende como fundamental a ação de comunicar seu acervo. O projeto de construção do novo Pavilhão de Exposição reafirma este pensamento. Com sua inauguração no ano de 2012, o MARquE passa a ter uma área de 776 m² dividida em três salas expositivas, além de preencher uma lacuna de pouco mais de uma década sem desenvolver exposições em seu próprio espaço. Neste momento, as exposições realizadas possuem ainda outro caráter além da comunicação: reaproximar o público da instituição, de suas ações e de seu acervo.

A ocupação dos novos espaços expositivos foi pensada da seguinte maneira pela equipe:

- Sala no térreo destinada a exposições de curta duração;
- Sala no segundo pavimento destinada a exposições de longa duração;
- Sala no terceiro pavimento destinada ao acervo de Franklin Cascaes e pequenas exposições;
- Hall de entrada para pequenas mostras.

Desde sua abertura do Pavilhão de Exposição, o MARquE intensificou suas ações e a utilização dos espaços expositivos. Através e de iniciativas da–instituição e de parcerias com a comunidade acadêmica, o museu pôde oferecer ao público um trabalho contínuo e diversificado através das exposições de curta duração. Neste período foram aberta para visitação 16 ações de comunicação envolvendo exposições museológicas e pequenas mostras nos espaços supracitados do pavilhão. Cabe ressaltar que a maior parte destas ações foram propostas em parceria com a comunidade

acadêmica.

Apesar do número considerável de exposições, a periodicidade irregular e muitas vezes a falta de planejamento dificultam uma melhor execução de outras atividades relacionadas à exposição. Para além destas questões, o museu necessita urgentemente de adequação e manutenção dos espaços expositivos, além de elaboração de mobiliário expositivo para todos os espaços. Existe também a necessidade de ampliar o diálogo, que vem sendo realizado, com a gestão universitária apontando as especificidades desta ação, com o intuito de buscar uma alternativa aos entraves burocráticos que dificultam o planejamento e viabilização das exposições.

Ações

- Elaboração e implantação de calendário expositivo anual;
- Consolidação dos espaços expositivos (adequação física das salas);
- Elaboração e implantação de edital para exposições externas no hall do museu;
- Aquisição de mobiliário expositivo;
- Elaboração e implementação de exposição de longa duração.

Programa Educativo e Cultural

Atualmente, o Museu realiza uma série de ações educativas e culturais, das quais se destacam as mediações na exposição *Arqueologia em Questão: Percorrendo o Litoral Catarinense*. Falta, porém, tecer um programa de longo prazo, com estratégias e ações permanentes, que seja coerente e consistente, mas também aberto o suficiente para o novo, as oportunidades que surgem e a diversidade de solicitações. A partir deste programa, vislumbra-se estabelecer anualmente um planejamento de ações articuladas ao programa de exposições.

Tal programa deve ter como princípio fundamental a consideração de que o Museu e as exposições são, em si, educativos, e que o planejamento e a realização de ações educativas e culturais pertinentes potencializam este caráter institucional. Isto implica na priorização de proposições que tenham como cerne a ampliação dos repertórios acerca: do Acervo do MARquE; da instituição Museu como espaço de pesquisa, preservação e comunicação do Patrimônio; das exposições e seus discursos. Implica também no foco na ampliação do acesso ao MARquE e suas ações, pelo trabalho nos eixos: formação de público/estratégias de aproximação dos não públicos e acessibilidade (em seus aspectos físicos, comunicacionais e atitudinais).

A partir do estudo e da pesquisa (que, em consonância com o Estatuto dos Museus, artigo 28 §1º,

devem nortear as ações e decisões), o setor pedagógico tem efetivado algumas opções. Em termos de embasamento teórico, optou-se por alicerçar o trabalho na concepção sóciointeracionista de ensino-aprendizagem, notadamente no que tange à compreensão da importância da mediação para a constituição dos sujeitos em relação com seus contextos de desenvolvimento. Em termos de público-alvo, compreende-se que o Programa Educativo Cultural deve ser estruturado pensando-se na variedade de públicos do Museu, inclusive os públicos potenciais, sem perder de vista a enorme demanda que as escolas têm apresentado ao MARquE e a potencialidade de uma relação fecunda entre Museu e Escolas.

Objetivos gerais do Programa Educativo Cultural:

- Estruturar projetos de curto, médio e longo prazo junto a grupos de visitantes específicos, que busquem oportunizar a ampliação dos repertórios acerca do patrimônio, do Museu como espaço de pesquisa, preservação e comunicação deste, e de temas abordados nas exposições.
- Realizar ações e produzir materiais pedagógicos em diferentes suportes e destinados a públicos diversos, que comuniquem o acervo, o discurso narrativo das exposições, a importância da preservação do Patrimônio, dentre outros.
- Empreender, em todas as atividades propostas no Museu, planejamento, avaliação e adequações que objetivem torná-las cada vez mais acessíveis aos seus públicos, incluindo-se a acessibilidade física, comunicacional e atitudinal.

Subprograma de público interno

A relação estabelecida por todas as pessoas da equipe do Museu com os públicos também é educativa, informando sobre a instituição museal de forma a constituir o Museu como um espaço de acolhimento e pertencimento ou não. Além disso, equacionar a relação entre preservação e comunicação do acervo requer o cumprimento de uma série de orientações, que devem ser passadas ao público de forma adequada. Assim, é fundamental que todas as pessoas que trabalham na instituição sintam-se parte dela e estejam bem informadas sobre as ações do Museu, suas especificidades e a recepção de público.

Projetos:

- Oportunização a todos os trabalhadores do MARquE de formação e informação que os

sensibilize para as especificidades do trabalho no Museu.

- Organização, a cada nova exposição, de estratégias para comunicar a todos os trabalhadores do Museu características desta ação.
- Efetivação de projeto de inserção de estudantes de graduação e pós-graduação nas ações educativas e culturais que prime pela formação continuada e pela supervisão destes sujeitos.

Subprograma de Público Espontâneo

O MARquE tem um enorme público espontâneo em potencial, constituído em grande parte por três tipologias de visitantes: a comunidade acadêmica (servidores e discentes da UFSC), a comunidade do entorno (notadamente público familiar), e os turistas. São projetos para ampliar a aproximação destes públicos junto ao MARquE:

Projetos

- Viabilização da ampliação gradual dos horários de abertura do Pavilhão de Exposição Silvio Coelho dos Santos, inicialmente priorizando a abertura em sábados;
- Constituição de um calendário de ações educativas e culturais voltadas para a comunidade em geral;
- Definição de dias e horários fixos de mediação para grupos que se formem espontaneamente para a proposição;
- Elaboração de materiais que atuem como mediadores entre as exposições e o público espontâneo;
- Realização da tradução dos materiais básicos das exposições institucionais para as línguas: LIBRAS, inglês, espanhol e francês;
- Realização de ações de aproximação e formação com guias turísticos locais, taxistas e demais trabalhadores do setor turístico-hoteleiro;
- Difusão junto aos servidores e discentes da Universidade da existência do MARquE, sua configuração atual e suas ações;
- Ampliação do público visitante do MARquE por meio de trabalho extensionista junto às comunidades de seu entorno e da grande Florianópolis que alargue a noção de direitos culturais e visibilize o Museu como espaço a ser usufruído pelos sujeitos;
- Inserção do MARquE no movimento de proposição de atividades culturais para bebês e seus

cuidadores, transformando a atividade “Do Colo Eu Vejo” em projeto regular;

- Organização de proposições de atividades para crianças, jovens e famílias nos períodos de férias escolares.

Subprograma de relação Museu – Educação Formal

As instituições de educação formal, notadamente as da Educação Básica, respondem hoje pela imensa maioria dos agendamentos de ações educativas no MARquE. Para além disso, compreendemos a articulação com a educação formal como um viés fundamental de formação de público, pois é por meio da escolarização que a maioria das crianças e dos jovens visitantes tiveram sua primeira oportunidade de contato com os museus. Esses visitantes são percebidos como multiplicadores do acesso ao Museu, pois muitos referem o desejo de voltar à instituição com sua família. Assim, consideramos fundamental um subprograma com projetos que articulem a Educação formal – nos níveis Básico e Superior – e o MARquE.

Projetos

- Consolidação do MARquE como instituição museal de referência em suas áreas de atuação para as redes de educação formal;
- Participação de eventos do campo da educação promovendo o potencial educativo do MARquE para a ampliação de repertórios culturais e científicos dos estudantes de todos os níveis e modalidades;
- Construção de uma agenda que contemple uma diversidade de mediações e outras ações educativas e culturais que considerem a especificidade do público escolar em cada etapa do desenvolvimento, a contemplar projetos de médio e longo prazo com grupos específicos;
- Efetivação de parcerias com as secretarias de Educação no que se refere a viabilizar a visita de estudantes das redes públicas e garantir seu retorno em diversas atividades ao longo de sua formação escolar;
- Realização de formação de professores nas temáticas pertinentes ao Museu;
- Estruturação de materiais de apoio ao trabalho do professor.

Subprograma de diversificação de grupos agendados

Para além dos grupos escolares, existe um público em potencial para as ações educativas agendadas do MARquE que requerem uma maior aproximação no sentido de ampliar o acesso aos bens culturais e o (re)conhecimento do MARquE como espaço de fruição. São tipologias de público que já nos visitam, mas com os quais o trabalho pode ser ampliado e sistematizado.

Destacamos aqui as pessoas com deficiência, aquelas em condição de vulnerabilidade psicossocial, as idosas e as usuárias de instituições de educação não formal, dentre outras possíveis tipologias. Todas essas pessoas podem e devem estar contempladas nas ações do Museu como um todo e fazer parte das demais tipologias público aqui mencionadas (conforme citado a seguir, no Programa “Acessibilidade a todas as pessoas”). Fez-se a opção, porém, de criar um subprograma com o objetivo de dar realce à necessidade de tecer aproximações do Museu com as instituições que as representam e/ou nas quais estão inseridas, para viabilizar ações, visitas agendadas e parcerias.

Projetos

- Articulação de parcerias com organizações de pessoas com deficiências visando a ampliação dos recursos de acessibilidade do Museu, e do acesso a este por pessoas com deficiências;
- Aprofundamento das aproximações com os Centros de Atenção Psicossocial da Prefeitura Municipal de Florianópolis e entidades congêneres para a proposição de ações conjuntas no sentido de ampliar as oportunidades de acesso ao Patrimônio Cultural das pessoas em tratamento;
- Contatos com os Centros de Referência em Assistência Social para a divulgação do trabalho do Museu e a proposição de parcerias;
- Efetivação de ações que mobilizem os conhecimentos, a memória e a criatividade das pessoas em situação de vulnerabilidade psicossocial, valorizando-as e articulando-as ao patrimônio sob guarda do Museu;
- Oferta, em parceria com grupos de idosos e organizações congêneres, de mediações e ações educativas e culturais voltadas para pessoas da terceira idade que levem em conta sua condição física e que tenham como cerne a articulação de seus saberes e suas memórias com os discursos expositivos;
- Divulgação junto a Organizações Não Governamentais, Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público, Associações e demais instituições de educação não formal as ações do MARquE e suas potencialidades educativas. Tecer aproximações visando parcerias e ações

conjuntas.

Subprograma de eventos

Eventos na forma de exposições, mostras, cursos, seminários, ciclo de audiovisuais, conferências, palestras e outros relacionados às áreas de atuação e conhecimento do MARquE devem ser organizados a partir das especificidades do acervo, de pesquisas, de projetos etc., viabilizando e fortalecendo a dialogia com um público diversificado. Os eventos, a exemplo das exposições, do ciclo denominado *Museu em Curso*, da Semana de Museus (nacional), da Primavera dos Museus (nacional), propiciam a sofisticação e a potencialização de compreensões de mundo baseadas na alteridade.

Os pesquisadores em seu conjunto devem ofertar informações às ações educativas e culturais.

Projetos

- Organização e recepção de eventos voltados ao público acadêmico que discutam temas pertinentes ao Museu, às suas áreas de atuação, a seu acervo e/ou a suas exposições;
- Reativação do ciclo de debates *Museu em Curso*.

Programa de Pesquisa

Subprograma de pesquisa institucional

O Programa de Pesquisa do MARquE deverá se pautar em linhas de pesquisa institucional e de projetos que atendam, articulem e potencializem a Museologia, a Arqueologia, a Antropologia/Etnologia, o Patrimônio Cultural material e imaterial, a história institucional, a valorização do acervo do MARquE e outros estudos, buscando ainda viabilizar o acesso à informação, aos acervos e conhecimentos a pesquisadores internos e externos, à comunidade universitária e à população. Estará a cargo da Divisão de Pesquisa, em estreita conjunção com as Divisões de Museologia e Ensino.

Instituições museais universitárias consubstanciam e concatenam pesquisa, ensino e extensão, cabendo ao MARquE:

- Propiciar a realização de pesquisas, constituindo-se em espaço de atuação efetiva sobretudo nas áreas de conhecimento enfocadas pelo Museu: Arqueologia, Etnologia e

Museologia;

- Realizar pesquisas nas áreas temáticas do museu, bem como em seu acervo e documentação, visando a subsidiar as demais atividades da instituição;
- Realizar estudos de recepção de públicos;
- Mapear as instituições correlatas às áreas de atuação e conhecimento;
- Atuar para a qualificação do acervo e da documentação;
- Apoiar cursos de graduação e pós-graduação de áreas afins às contempladas na missão do museu;
- Potencializar o acervo como espaço de pesquisa;
- Construir instrumentos de divulgação do conhecimento produzido no MARquE e em torno do acervo do MARquE, entre eles a publicação dos Anais do MARquE.

Dentre as perspectivas e tarefas, acentua-se a ampliação das possibilidades de programas de estímulo à pesquisa, a contarem com financiamento e a somarem pesquisadores convidados.

Articulações entre pesquisa e ensino na graduação e pós-graduação

Por possuir um acervo museológico expressivo e um corpo técnico especializado, o MARquE oferece inúmeras frentes de pesquisa e estágios (curriculares ou não) nas suas áreas de conhecimento e áreas afins. .

Destacam-se as escavações arqueológicas desenvolvidas em sítios pré-coloniais e históricos, as publicações resultantes destas pesquisas e os novos trabalhos que poderão ser produzidos a partir do acervo. Além disso, a oportunidade gerada, a partir de estágio curricular, coloca os alunos de diferentes cursos de graduação em contato com temáticas relacionadas à Arqueologia e à Museologia.

No campo da Arqueologia, a propositura de pesquisa repousa na prática interdisciplinar, em estreito diálogo com as ciências naturais e demais ciências sociais. Destaca-se a parceria entre o MARquE e o Laboratório de Estudos Interdisciplinares em Arqueologia (LEIA), do Departamento de História.

Igualmente com substrato interdisciplinar ocorrem as pesquisas no campo da Etnologia, com acento no aspecto relacionado aos direitos territoriais dos povos indígenas Guarani, Kaingang e Xokleng-Laklãnõ e ao acervo etnográfico, que conta com algumas coleções oriundas de diversas regiões do Brasil, com ênfase justamente aos Guarani, Kaingang e Xokleng-Laklãnõ, gerando conhecimento

sobre populações indígenas. Neste particular o MARquE soma as parcerias com o curso de graduação intitulado Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica (Departamento de História/CFH/UFSC), compondo-o, e com o programa Ação Saberes Indígenas na Escola (Secadi/MEC), coordenando-o no estado de Santa Catarina, cujos eixos norteadores referem Territórios Indígenas. Tais parcerias ocorrem, portanto, intra e interinstitucionalmente, propiciando espraiamento de relações e dialogias com várias organizações governamentais e não governamentais, dentre elas as indígenas, bem como com as lideranças das terras indígenas. Tais relações se mostram essenciais no tocante ao substrato das atuações junto aos povos indígenas.

Além disso, têm sido desenvolvidas atividades de pesquisa e parcerias com os programas de Pós-Graduação em Antropologia Social e História, incluindo pesquisas sobre história da antropologia em Santa Catarina, entre outras.

Devido a grande quantidade de acervo, potencializam-se atividades relacionadas ao campo da Museologia, integrando profissionais e estudantes da Museologia, Arqueologia, Antropologia, História, Ciências Sociais, Geografia, Biologia, entre outras áreas de conhecimento e atuação. No que tange a Etnologia, cabe o destaque a trabalhos conjuntos e interativos com populações indígenas, considerando, sobretudo a curadoria compartilhada e o acesso aos acervos. Quanto à Museologia, em especial, o MARquE direciona suas pesquisas aos trabalhos de conservação preventiva, oferecendo estágio curricular a estudantes de graduação compondo parceria com o Curso de Graduação em Museologia.

Cabe ao MARquE o desenvolvimento de publicações para a extroversão das pesquisas da instituição e de metodologias de avaliação institucional.

Estudos de recepção

O MARquE deve conhecer seu público predominante, bem como avaliar as tendências e potencialidades de visitação da comunidade universitária, das instituições escolares públicas e privadas, e da sociedade externa à UFSC, considerando permanentemente suscetibilidades e movimentos dos públicos visitantes, tendências de turismo nacional e internacional, eventos de grande envergadura na UFSC e na Grande Florianópolis, calendários escolares etc. Desta maneira, faz-se imprescindível as pesquisas de estudo e recepção de públicos de maneira sistemática no MARquE.

O processo avaliativo deve se consubstanciar permanentemente no MARquE, seja em relação ao público, seja em relação às pesquisas e todas as demais faces da instituição, buscando o positivo desempenho, aproveitamento, potencialidade e produtividade da equipe de trabalho em si e na

interface com a comunidade universitária e a sociedade em geral.

Acervo e documentação

O acervo (museal, iconográfico, documental, bibliográfico, arquivístico e audiovisual) do MARquE é concomitantemente resultado e substrato para pesquisas realizadas internamente e por pesquisadores externos brasileiros e estrangeiros, aos quais é ofertada a sua acessibilidade. O acervo redonda em efetiva potencialidade do MARquE para a pesquisa.

Há que serem estabelecidos vínculos entre a multiplicidade das pesquisas realizadas, o acervo e as exposições do MARquE.

O resultado das pesquisas poderá ser divulgado em forma de trabalhos de conclusão de curso, dissertações, teses, relatórios, publicações em formatos variados, entre outros, e deverá ser incorporado pelo Centro de Documentação.

Cabe ressaltar que o Centro de Documentação encontra-se em estado de organização e mudança espacial e, futuramente, poderá atender pesquisadores de diferentes áreas de conhecimento.

O MARquE deve validar pesquisas permanentemente, objetivando a preservação e conservação do acervo, abarcando arquitetura, climatização, mobiliário, materiais, procedimentos etc.

Todas as proposições devem ser realizadas em interface entre a Divisão de Pesquisa e a Divisão de Museologia.

Publicações e divulgação

A produção e a disseminação de informações são relativas às linhas de pesquisa institucional, com destaque às áreas de Arqueologia, Etnologia e Museologia, viabilizando a publicação de Anais do MARquE, de catálogos de exposições, de eventos organizados pelo MARquE.

O MARquE deve atualizar constantemente sua página eletrônica (site), considerada ferramenta de pesquisa para o público especializado. As informações devem estar articuladas por meio de uma base de informática desenvolvida notadamente para desempenhar essas múltiplas funções, objetivando o acesso à pesquisa pelo público. Em outras palavras, deve ser consolidado o acesso *online* de pesquisadores e visitantes à base de dados, em processo de efetivação.

Projetos

- Potencialização e desenvolvimento de pesquisa nas áreas de Arqueologia, Etnologia e Museologia;
- Conservação e informação do acervo indígena do MARquE em conjunto com indígenas conhecedores da cultura material;
- Concretização de metodologias de gestão da pesquisa e estudos de recepção de públicos;
- Publicação dos Anais do MARquE e produção de outras publicações para extroversão das pesquisas da instituição;
- Desenvolvimento de metodologias de avaliação institucional.

Programa Arquitetônico

Espaço físico e instalações

Área total

O museu possui um espaço construído de aproximadamente **2.692m²**, composto por um conjunto de edificações: prédio principal (também chamado de histórico), pavilhão de exposição, duas edificações laterais, uma pequena casa na Botânica (construção histórica) e dois engenhos, de farinha e açúcar.

O local de ocupação do MARquE no Campus Florianópolis da UFSC constitui-se como área de preservação, de acordo com o seu Departamento de Projetos de Arquitetura e Engenharia (Proplan), com normas que limitam a construção de novas edificações em seu entorno.

Espaços existentes

Prédio Principal: Também chamado de “histórico”, o prédio possui uma área total de 504m² distribuídos em dois andares. Como não existe elevador ou rampa de acesso interno, não há acessibilidade para cadeirantes ou pessoas com dificuldade de locomoção.

Térreo:

- **Secretaria do museu** (18m²) cuja função é abrigar a Coordenação Administrativa e Recepção parcial do público interno e externo.

- **Setor de Arqueologia** (110m²), constituído por uma área ampla que abriga as bancadas para processamento do acervo e duas salas de menor dimensão usadas como escritório de trabalho para o

setor. Atualmente o setor de arqueologia divide seu espaço físico com o Laboratório de Estudos Interdisciplinares em Arqueologia - LEIA do Departamento de História CFH/UFSC, em caráter temporário devido a obras de reforma que serão executadas na casa ao lado da Botânica, cedida ao LEIA.

- **Banheiros** (29m²), masculino e feminino.

- **Recepção** para o Pavilhão de Exposições (25m²), no projeto definida como “Bilheteria”, cedida temporariamente à secretaria do Curso de Graduação em Museologia, até a finalização do novo prédio do CFH, a ocorrer ainda em 2016. Para este espaço está previsto o atendimento do público e seus respectivos encaminhamentos; e possível guarda-volumes.

Andar superior: não existe elevador ou rampa de acesso para o andar superior, não havendo acessibilidade para cadeirantes e pessoas com dificuldade de locomoção.

- **Auditório** (128m²), comporta 45 pessoas sentadas.

- **Setor de Etnologia** (54m²), constituído por espaço de trabalho da antropóloga da instituição.

- **Sala da Direção** (15m²), apesar de destinada para este fim, atualmente não está sendo utilizada pela direção da instituição.

- **Sala de trabalho** (54m²), cedida aos professores de Museologia no aguardo da finalização do prédio do CFH. Sua finalidade é abrigar atividades de outros setores.

EDIFICAÇÕES LATERAIS

Não existe elevador ou rampa de acesso, não havendo acessibilidade para cadeirantes e pessoas com dificuldade de locomoção.

O primeiro prédio tem 210m² dividido em dois andares utilizados da seguinte maneira:

Térreo:

Reserva Técnica II (65m²): espaço com mobiliário deslizante para armazenamento de acervo arqueológico.

Cozinha e Banheiros (18m²): utilizados principalmente pelos serviços terceirizados do museu. Banheiros masculino e feminino, sem adaptação para portadores de deficiência física.

Sala para depósito (20m²): espaço para guarda de mobiliário expositivo.

Andar Superior

Centro de Documentação (64m²): espaço ocupado por estantes de metal e mapotecas, que abriga

principalmente livros e documentos.

Reserva Técnica Osteológica Humana (34m²): espaço ocupado por estantes de metal nas quais estão depositadas caixas de acondicionamento, em poliondas e que armazenam acervo de osteologia humana proveniente de escavações arqueológicas.

Tanto a sala que abrigava o Centro de Documentação quanto a da Reserva Técnica Osteológica Humana necessitam de adequações e consertos em sua estrutura física, bem como controle climático para aprimoramento das condições de guarda dos acervos. Constantemente se verifica vazão de água pluvial pelo telhado, fato que tem causado danos ao acervo documental.

No segundo prédio encontra-se a Reserva Técnica I (180m²), que conta também com sala para quarentena do acervo e atendimento ao pesquisador.

Reserva Técnica I (138m²): apresenta três mobiliários deslizantes e um conjunto de seis mapotecas, que armazenam acervo de arqueologia e etnologia. Este espaço apresenta controle ambiental, por meio de climatização, barreiras físicas para controle da luz natural, câmaras e alarmes de segurança e detectores de fumaça.

PAVILHÃO DE EXPOSIÇÃO (2000m²) disposto em quatro andares e terraço.

Térreo

Hall do Pavilhão: o espaço não apresenta estruturação para receber e acolher o visitante. Além de acessos aos outros espaços, conta com uma pequena cozinha acessível por área externa ao edifício e pelo primeiro andar, por escada caracol. Atualmente no hall conta com posto de trabalho das recepcionistas e vigilantes noturnos, além de guarda-volumes provisório.

Banheiros: masculino, feminino e com adaptação para portadores de deficiência física.

Sala de exposição de curta duração (204m²).

Setor pedagógico (salas de trabalho e oficinas – 50m²): não apresenta mobiliário específico para as atividades (em implantação) e necessita da abertura de uma porta para acesso direto ao hall.

Setor de Conservação e Restauração (sala de trabalho, laboratório e banheiro – 62m²): este espaço se comunica com a Reserva Técnica I, favorecendo o traslado interno de acervo. Ainda não apresenta mobiliário e equipamentos específicos para todas as atividades, em implantação.

Primeiro andar

Divisão de museologia (60m²): sala de trabalho e área de acesso à sala do ar condicionado central.

Sala multiuso (55m²): prevista para ações com as comunidades, como palestras, oficinas, cursos etc.

atualmente recebendo parte do material constante do Centro de Documentação.

Mezanino (40m²): espaço livre no qual se planeja estruturar um “lounge” de descanso ou leitura, para servidores e visitantes.

Segundo andar

Sala de exposição de longa duração (470m²).

Banheiros: masculino, feminino e adaptado para portadores de deficiência física.

Terceiro andar

Sala da Coleção Elizabeth Pavan Cascaes (102m²): este espaço foi projetado para abrigar exposições de curta duração do acervo de Franklin Joaquim Cascaes, mas em função de problemas de projeto, ainda não foi utilizada para este fim. Necessita de adequações para exposição adequada do acervo. Além da sala de exposição, apresenta uma sala para equipamentos de ar condicionado.

Terraco (545m²)

Apresenta uma grande área aberta, com um pequeno espaço construído onde se encontram: banheiros masculino, feminino e adaptado para pessoas com deficiência, elevador e escada de acesso à casa de máquinas do elevador, além da claraboia da sala de exposição de longa duração que se projeta até o hall do térreo.

ENGENHOS

Engenho de farinha: antiga construção que foi reconstruída no pátio frontal do museu na década de 1990. Atualmente está fechado, necessitando de adequações para ser reaberto ao público.

Engenho de açúcar: construção atual com os equipamentos para produção de açúcar original. Atualmente está fechado e utilizado para armazenar algumas peças de maior formato e como depósito.

CASA NA BOTÂNICA

A casa na Botânica funcionava como espaço do setor de arqueologia para triagem do material proveniente das escavações de sítios, hoje cedida ao LEIA (Laboratório de Estudos Interdisciplinares em Arqueologia/Departamento de História/CFH/UFSC), em caráter temporário. Neste momento este espaço foi desocupado pelo LEIA para que sejam executadas obras de reforma.

Entorno

O MARquE tem localização privilegiada por estar localizado no Campus Florianópolis da UFSC, no bairro Trindade, com fácil acesso às demais instalações da UFSC e outros serviços (bancos, comércio, hotéis etc.). No entanto, falta um projeto urbanístico para o Museu que sinalize e facilite o acesso ao usuário, assim como garanta vagas de estacionamento para os visitantes. Hoje o MARquE conta apenas com uma vaga reservada para pessoas com deficiências, e uma vaga demarcada para ônibus que estejam transportando visitantes. Essas vagas não têm sido respeitadas, possivelmente por problemas em sua sinalização. As demais vagas situadas nos arredores do Museu são de uso livre e costumam ser ocupadas por servidores e alunos da universidade.

O entorno próximo ao Museu não conta, ainda, com ambientes de serviços ao visitante que se relacionam com ele, como um café e uma loja de presentes. Há projetos em curso, juntamente com o Departamento de Design/CCE/UFSC para a estruturação de propostas para um café (no vão entre o Pavilhão e o prédio principal) e uma loja do Museu (na sala em frente à porta do Pavilhão, no projeto espaço denominado “Bilheteria”).

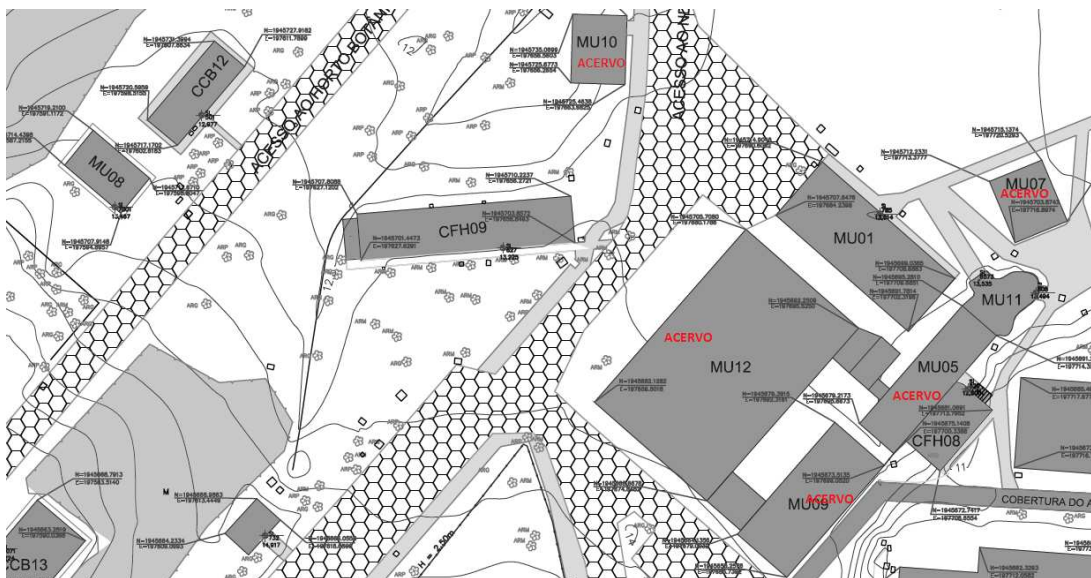


Figura 1 - Conjunto de edificações do MARquE, na representação onde se lê MU, com exceção do MU11.

Projetos

Optou-se por dividir os projetos do Programa de Arquitetura em três subprogramas: espaços

internos de acesso público, espaços internos de acesso restrito e entorno.

Espaços internos de acesso público

- Reorganização dos espaços internos no sentido de melhor equacionar as demandas e potencialidades, tendo em vista que, mesmo a instituição contando com uma multiplicidade de ambientes, há espaços de trabalho que são insuficientes em uma perspectiva de ampliação das atividades, enquanto outros encontram-se subutilizados e/ou emprestados a outros setores;
- Realização de diagnóstico e execução das alterações necessárias para garantir condições de acessibilidade física aos espaços de acesso público do Museu;
- Projeção de identidade visual interna para o Pavilhão de Exposição Silvio Coelho dos Santos, que leve em conta a acessibilidade comunicacional, e implementar a sinalização em toda a edificação;
- Adequação da sala de exposição Elisabeth Pavan Cascaes: fechamento das janelas, ampliação da porta, adequação da iluminação artificial, forro para melhor apresentação estética etc.;
- Adequação da sala de exposição de longa duração: rampa na porta de entrada, fechamento das janelas, revisão dos trilhos das lâmpadas etc.;
- Supressão da textura das paredes do Pavilhão de Exposição, dando prioridade aos seguintes ambientes: sala do Setor Pedagógico, Hall e Salas de Exposições;
- Separação da entrada da Sala do Setor Pedagógico daquela do Laboratório de restauração por meio da abertura de uma porta do hall/corredor dos banheiros para o Setor Pedagógico, tendo em vista a segurança do acervo e dos visitantes;
- Estudo da viabilidade da implementação de serviços para o público no Museu: café e loja de lembranças;
- Elaboração e execução de plano de manutenção e identificação dos circuitos elétricos do pavilhão de exposições.

Espaços internos de acesso restrito

- Ampliação dos espaços de Reserva Técnica;
- Realização de diagnóstico e execução das adequações necessárias nos três espaços que hoje

abrigam o acervo;

- Remoção total do Centro de Documentação para o Pavilhão de Exposição e execução de melhorias físicas na sala para que se converta em espaço de guarda. O novo espaço físico do Centro de Documentação deverá ser acessível;
- Implementação de controle ambiental em todos os espaços de guarda e estudo das necessárias adequações considerando a constituição dos acervos.

Entorno

- Sinalização do acesso ao MARquE dentro e fora da UFSC;
- Adequação do entorno do Museu em um projeto urbanístico que contemple uma entrada de pedestres exclusiva para o MARquE desde a via pública, a nivelção das calçadas e rampas, a humanização dos jardins em frente ao prédio principal (histórico), um espaço ao lado da vaga de ônibus do MARquE para acolhimento dos grupos agendados etc.

Programa de Segurança

Informação não disponível para versão on-line do Plano Museológico.

Programa de Financiamento e Fomento

Para abordar o tema de financiamento e fomento, é importante iniciar destacando a especificidade institucional do MARquE por se tratar de um Museu Universitário ligado a uma Instituição Federal de Ensino Superior. Assim, a provisão e gestão financeira está condicionada às normativas que regem os recursos públicos federais. O MARquE tem, historicamente, duas fontes de financiamento e fomento: recursos disponibilizados pelo Governo Federal (“internos”) e recursos oriundos de projetos apresentados a Editais e Prêmios (“externos”). A entrada nas exposições é gratuita, assim como a participação todas as ações educativas e culturais, não constituindo uma fonte de financiamento.

Em relação aos recursos internos, desde que se tornou órgão suplementar ligado ao Gabinete da Reitoria, a gestão financeira do MARquE dependia das pró-reitorias ou secretarias às quais esteve ligado (pró-reitorias de extensão, extensão e cultura, ou secretarias de arte e cultura da UFSC). Ou seja, o MARquE não possuía um orçamento próprio. Desde que se vinculou academicamente ao Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH), em junho de 2013, temos feito gestões para a obtenção de um orçamento próprio (através de duodécimos). A demanda enviada pela direção do CFH, em agosto de 2013, solicitando um orçamento próprio para o museu foi atendida formalmente

pela Pró-reitoria de Planejamento e Orçamento (Proplan), através de uma rubrica própria do museu junto a esta Pró-Reitoria, operacionalizada por meio do Setor Financeiro do CFH. O montante desse orçamento, via duodécimos, seria de R\$ 102.000,00 anuais (R\$ 8.500,00 mensais). Um dos objetivos do próximo período é consolidar esse orçamento anual.

É preciso ainda sensibilizar os demais setores da Universidade acerca das especificidades do Museu no que tange a dinâmicas referentes às compras e da utilização dos recursos disponibilizados. É inegável o desafio de equacionar um calendário de exposições e demais ações educativas e culturais com o ritmo e as demandas burocráticas inerentes à gestão pública de recursos. Ampliar o diálogo de forma a amplificar as especificidades de um Museu poderá ser útil nesta equação.

Compreendemos que os recursos internos devem ser estáveis e responder pelo funcionamento básico do Museu, garantindo suas atividades-fim de forma regular, de maneira que não dependam de prêmios e editais irregulares e sujeitos a questões políticas e financeiras das instituições que os propõem. Os projetos a prêmios e editais devem seguir sendo idealizados e submetidos, como forma de complementar e enriquecer as ações e os recursos. É importante, para a participação, realizar um mapeamento constante dos editais em aberto, além de uma previsão de editais anuais tendo por referência os anos anteriores.

Um fator de financiamento e fomento específico dos Museus é a Associação de Amigos, que, por lei, deve investir na instituição museal um mínimo de 90% de todo o recurso por ela captado (podendo utilizar até 10% para sua manutenção). Conforme especificado no Programa Institucional, é um projeto da instituição reativar a Associação de Amigos do Museu.

Projetos

- Consolidação do duodécimo do MARquE junto à administração central da UFSC;
- Planejamento anual da participação em editais de apoio para projetos envolvendo as atividades e prioridades do MARquE;
- Estabelecimento de parcerias com organismos públicos das esferas nacional, estaduais e municipais, como secretarias, fundações de cultura etc.;
- Estabelecimento de parcerias com outras organizações da sociedade civil, como associações, ONGs, empresas, resguardando o caráter público do MARquE;
- Realização de licitação para construção e aluguel de área próxima ao Pavilhão de Exposição para instalação de uma Loja-Café, em que os materiais do MARquE possam ser comercializados.

Programa de Difusão e Divulgação

O MARquE não possui atualmente um programa institucional voltado à difusão e divulgação de suas atividades. As exposições desenvolvidas pela instituição contam com divulgação da Agência de Comunicação da UFSC, através da TV UFSC e do site da mesma. O museu, em ocasião de atividades educativas ou expográficas, é objeto de reportagens realizadas pela mídia local. Além destes meios o MARquE possui um mailing de e-mail por onde são divulgadas virtualmente suas atividades. A difusão do museu deveria privilegiar os públicos-alvo de suas atividades, porém suas limitações orçamentárias e o reduzido número de funcionários são empecilhos para uma boa divulgação.

Projetos

- Consolidação da imagem institucional do MARquE;
- Elaboração de materiais de divulgação do Museu direcionados a públicos específicos e com distribuição dirigida, com base na pesquisa de recepção de público;
- Publicação de material de divulgação de todos os eventos realizados no museu;
- Elaboração e distribuição de catálogos e outros materiais relacionados às exposições do museu;
- Ampliação da divulgação via mala direta (correio e Internet);
- Atualização constante da página eletrônica/site do Museu;
- Inserção do MARquE nas Redes Sociais.

Programa de Acessibilidade a Todas as Pessoas

A acessibilidade é compreendida como a inexistência (ou a retirada) de obstáculos e barreiras que dificultem ou mesmo impossibilitem o acesso pleno dos públicos às ações do Museu. Assim, deve ser compreendida na esfera física, mas também na esfera comunicacional e na atitudinal.

A esfera física relaciona-se sobretudo à adequação dos espaços para que pessoas com ou sem deficiências, com diferentes idades, estaturas e condições possam circular pelo ambiente de forma autônoma, sem encontrar obstáculos. O Pavilhão de Exposição Silvio Coelho dos Santos tem diversos dispositivos que potencializam a acessibilidade física: possui elevador de acesso a todos os

andares, com botão com números em relevo braile, e aviso sonoro; e banheiros adaptados no térreo, na sala de exposição de longa duração e no terraço.

Existem, porém, alguns ajustes necessários para ampliar as condições de acessibilidade, tendo em vista que o projeto do Pavilhão de Exposição é anterior à Norma Brasileira de Acessibilidade a Edificações, Mobiliário, Espaços e Equipamentos Urbanos (NR 9050; ABNT, 2004).

O Pavilhão conta com três saídas de emergência; estas, no entanto, não contemplam as necessidades de pessoas com deficiência.

Ainda em relação à acessibilidade física, os demais prédios que compõem o conjunto arquitetônico do MARquE não possuem acesso aos andares superiores adequado para cadeirantes ou pessoas com mobilidade reduzida. Nestes locais sem acessibilidade física estão alocadas salas de trabalho, espaços de guarda de acervo, e mesmo o auditório da instituição. Nesse sentido, é mister buscar com agilidade soluções para as questões de acessibilidade física a estes espaços. Ressalte-se o desafio de realizar tais adequações em uma construção que se constitui como patrimônio histórico da Universidade, o que implica em certas regras e restrições.

Para além das construções, a acessibilidade física deve ser uma preocupação constante nas ações fim do museu, notadamente nas exposições. É imprescindível que a expografia leve em conta a literatura que indica fatores como: a distância entre objetos para a livre circulação de pessoas cadeirantes, usuárias de bengalas ou andadores etc.; as características dos textos no que se refere ao contraste de cores, a características e tamanhos adequados para as fontes; a altura de objetos e expositores, dentre outros aspectos. Para além da fonte documental é interessante que o Museu se aproxime cada vez mais de seu público por meio da pesquisa de recepção, colhendo dos visitantes as necessidades e potencialidades de adequação.

A esfera comunicacional diz respeito ao acesso e ao usufruto que as pessoas, com ou sem deficiências, têm do discurso expositivo e dos demais conteúdos produzidos pelo museu. Aqui podemos falar da barreira linguística (para pessoas com línguas maternas diferentes do Português brasileiro, inclusive LIBRAS), mas também da adequação da complexidade e da linguagem dos textos a um leque abrangente de públicos, inclusive em potencial. Textos claros e concisos, com linguagem simples (e não simplistas) conferem acessibilidade comunicacional não apenas a pessoas com deficiências e transtornos do desenvolvimento, mas também às pessoas que tiveram menos acesso à educação formal, seja por sua pouca idade, seja por questões socioculturais. Para contemplar a diversidade de públicos e sua expectativa em relação à comunicação, o Museu poderá pensar em uma série de recursos, como audioguias, tradução dos textos em diversos idiomas, aí incluído LIBRAS, audiodescrição dos filmes, textos simples acompanhados de aprofundamento teórico em fichas etc. A mediação é ainda compreendida como potencial para a ampliação da

acessibilidade comunicacional.

Por fim, chegamos à esfera atitudinal da acessibilidade. Abarcar esta dimensão é imprescindível por pelo menos duas razões. A primeira é que as barreiras e os obstáculos acima referidos nem sempre são de ordem física: muitas vezes são de ordem simbólica, uma vez que o MARquE está inserido em uma sociedade profundamente desigual e na qual a noção de pertencimento a Museus e outros espaços culturais ainda está fortemente marcada por questões socioeconômicas e culturais. Ter atitudes de acolhimento para com as pessoas socialmente marginalizadas e buscar parcerias com instituições e grupos que as representem, considerando-as público potencial do Museu, é trabalhar para a acessibilidade a todas as pessoas.

A segunda diz respeito propriamente às pessoas com deficiências. Sabemos que, para além das multiplicidades de deficiências e formas de manifestação de doenças, cada pessoa tem sua própria relação com sua condição. Assim, haverá cegos que leem em braile e aqueles que não leem, por exemplo. Dessa forma, se o MARquE deve investir em recursos de acessibilidade, estes nunca serão suficientes para contemplar as necessidades e particularidades de cada visitante. Nesse sentido, a atitude dos recursos humanos do Museu é fundamental para a efetivação da acessibilidade, numa perspectiva de acolhimento e proatividade para buscar responder às necessidades do visitante.

É necessário frisar que a acessibilidade não reside em promover ações pontuais para um público em específico (ainda que estas sejam importantes e bem-vindas), mas em buscar que toda e qualquer ação do Museu seja acessível aos visitantes que nela tiverem interesse.

Projetos

- Realização de diagnóstico e execução das alterações necessárias para garantir condições de acessibilidade física aos espaços de acesso público do Museu;
- Promoção de formação de toda a equipe do Museu no sentido de potencializar a acessibilidade atitudinal;
- Planejamento e execução das exposições tendo em consideração as indicações para acessibilidade física e comunicacional;
- Projeção dos recursos de acessibilidade possíveis tendo em vista o tempo, os meios e recursos quando do planejamento das exposições de curta duração;
- Contemplação de recursos duráveis, como audioguias, textos em braile e traduzidos para diversas línguas, inclusive LIBRAS, audiodescrição dos vídeos, maquetes e réplicas táteis, dentre outras possibilidades quando das exposições de longa duração.

Referências

BILÉSSIMO, A.R.; SCHMIDT, F.B.; GHIZONI, V.R.; WERMELINGER, V.G. Diagnóstico do Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral. Florianópolis, UFSC, 2013.

FÜRBRINGER, Nadia P. *Coleções Etnográficas: objetos, fotografias e registros de campo. Novas articulações e ressignificações*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

GUIMARÃES, V. W. *Exposições museológicas do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal de Santa Catarina: espaço para construções de parcerias*. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2014.

MARCO, E; MAMIGONIAM, J. R.; DEPIZZOLATTI, N. V. Franklin Cascaes. Documentário. Florianópolis, 2008, 30 min.

MUSEU DA ABOLIÇÃO / DEMU / IPHAN. Plano Museológico Museu da Abolição. Recife, 2007.

MUSEU H. P. ÍNDIA VANUÍRE. I Plano Museológico. Brodowski/SP, 2009.

MUSEU AFRO BRASIL. Plano Museológico. São Paulo, 2011.

MUSEU DE ARQUEOLOGIA DE ITAIPU / Museu SocioAmbiental de Itaipu. Plano Museológico 2011-2014. Niterói/RJ, 2011.

NECKEL, R; KÜCHLER, A. D. C. (Org.). UFSC 50 anos: trajetórias e desafios. Florianópolis: UFSC, 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, PRO-REITORIA DE CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. *Museu Universitário UFSC: 30 anos*. UFSC, 1996.

SANTOS, Silvio Coelho dos (Org.); HELM, Cecília Maria Vieira; TEIXEIRA, Sérgio Alves. *Memória da antropologia no Sul do Brasil*. Florianópolis: Editora da UFSC: ABA, 2006.

SANTOS, Silvio Coelho dos. "A antropologia como ciência no contexto da Universidade em Santa Catarina". In: *Anais do Museu de Antropologia*, n. 8, 1975 (pp. 125–134).